

REVISTA

bulunga

maio de 2024 - número 29



neste número nós vamos revelar os segredos de um

DESINFORMANTE

EDITORIAL

Os temporais do Rio Grande do Sul foram capazes de mostrar o quanto o Brasil está polarizado. Não é uma divergência regional, como alguns querem dar a entender, com o objetivo de fomentarem a xenofobia, mas uma divisão que se apresenta de forma desigual, pois de um lado está a maior parte da população, algo em torno de 70%, que é solidária e quer ver as coisas funcionarem: por isso trabalha, não tem medo, se lança na água suja e se atola no barro, faz doações, dando a volta por cima quantas vezes for necessário.

É esse tipo de brasileiro resiliente que consegue vencer em qualquer lugar do mundo, mas aqui, como em todo país socialista, é impedido de prosperar, e até mesmo de ajudar, pelos bandidos que estão no poder, extasiados com suas estúpidas e mirabolantes burocracias e cobranças abusivas de impostos que inibem a produção e levam a nação à miséria.

No outro polo, os vagabundos que só querem tirar vantagem em tudo (certo?), que ficam atrás de benefícios do governo, e por isso o apoiam cegamente, para não precisarem trabalhar. A esses interessa que dê tudo errado, para que o emperramento se agrave e isso motive novas taxações, o aumento da arrecadação e a distribuição, entre eles, de novas verbas desnecessárias.

Teve gente que se emocionou ao ver um cavalo num telhado, mas não se importou com um bebê afogado. Muitos se aproveitaram da situação, visando as próximas eleições, se fazendo filmar em ações falsamente solidárias, mas sem molhar os pés. Teve gente que só correu para lá depois que as redes sociais mostraram que estavam curtindo o showzinho da velha senhora obscena.

O Brasil pode naufragar com essas e outras chuvas, mas também se arrisca a ser sufocado com a poeira desértica da incompetência, que gera obras faraônicas inacabadas, negligenciadas, mas que representam um trunfo para as gestões vindouras, que poderão requerer reiteradas suplementações, assim como faz aquele mendigo que reabre sua ferida a cada manhã, pois é o que garante o seu sustento.

Mas não vamos ser pessimistas. A chuva irá passar, o sol irá brilhar novamente, governos cairão, outros sobrevirão, e o povo conseguirá se livrar desse imundo atoleiro político em que se meteu.

UM PAÍS LIVRE

A velha canção "Pequena Serenata Diurna", composta e cantada pelo cubano Sílvio Rodríguez, era entoada nos bares da "resistência", no Brasil, entre o final dos 1970 até meados dos anos 1980, e começava assim: "Vivo em um país libre, qual solamente puede ser libre". Era um hino desanimado, e talvez tivesse um certo tom de ironia, pois de livre a ilha de Fidel não tinha nada, e a Revolução teria sido, teoricamente, deflagrada com esse exato propósito: para que o povo fosse liberto das garras do imperialismo norte-americano.

Na época, a ditadura no Brasil estava a todo vapor, com gente sendo presa, torturada e morta, exatamente porque não queriam ver implantada uma ditadura como a outra, que prendia, torturava e matava. Quem entende?

Muitos de nossos jovens adotavam os ideais cubanos para protestarem silenciosamente contra os abusos do governo militar, mal sabendo que na Ilha o pau também estava quebrando. Todos liam "As Veias Abertas da América Latina", de Eduardo Galeano, cantavam "Para não Dizer que Não Falei das Flores", com Geraldo Vandré, e recitavam de cor o poema de Eduardo Gomes da Costa, que falava que "na primeira noite eles se aproximam e tiram uma flor do nosso jardim e não dizemos nada".

Passaram-se 65 anos desde a queda do ditador Fulgêncio Batista para a entrada de outro ditador, Fidel Castro, e de lá para cá os revolucionários não foram capazes de produzir absolutamente nada, nenhuma tecnologia, nenhuma inovação, não conseguiram sequer pintar a fachada de suas casas e prédios, e muito menos produzirem alimentos, só charutos, charutos e mais charutos, e por este motivo o seu povo passa fome. Mas, para eles, a culpa é, e sempre será, dos gringos infames.

Com toda razão, os EUA possuem sua parcela de culpa, assim como a Inglaterra, a França, a Holanda, Portugal, a China, o Japão, e diversos outros povos que promoveram o colonialismo, na maioria das vezes, de forma cruel.

As bugigangas oferecidas aos nossos povos originários custaram extraordinariamente caro, mas há um limite de tempo para se chorar o leite derramado, que a esta altura já azedou e secou. Hora de assumir o prejuízo e partir para o trabalho. É bola pra frente.

Cuidado! Você também pode ser um

DESINFORMANTE

e nem se deu conta disso

Por motivos óbvios, não podemos revelar o nome de nosso entrevistado. Ele está sendo procurado por todo o país e pelo mundo (e por quê não dizer pelo Universo), por suas ideias que insiste em dizer que são puras verdades, mas as autoridades absolutas, onipresentes e oniscientes, comandadas pelos Shan-Ti, espécie alienígena mencionada na série “O Problema dos 3 Corpos”, da Netflix, garantem que são mentiras, e não há como contestar, só restando a ele empreender uma fuga incansável, até que venha a inevitável e plena dominação, e seja definitivamente alterada a percepção dos fatos, quando o certo deixará de ser certo, e o errado, errado.



BULUNGA – Quero iniciar com uma polêmica: procurei consultar o “pai dos burros” e não consegui encontrar o termo “desinformante”, mas se tentarmos construir uma nova palavra, como fez Guimarães Rosa, com muita liberdade, em suas obras, teríamos que considerar que o prefixo “des”, que tem origem no prefixo latino “dis”, indica separação, negação ou diminuição, e se pegarmos o significado do termo jurídico “informante”, verificaremos

que se refere a “pessoa que não presta o compromisso de dizer a verdade”. Então, ao contrário do que alguns sustentam, “desinformante” seria aquele indivíduo que tem o compromisso de FALAR A VERDADE.

DESINFORMANTE – Faz sentido. Mas também é uma grande burrice usar esse termo da forma como fazem, pois “desinformar” seria deixar de informar, e isso se aplicaria ao hipotético caso de um policial

que teria a OBRIGAÇÃO de bloquear uma estrada, mas deixa os motoristas passarem e não avisa que, logo adiante, há uma enorme cratera. O resultado é que todo mundo se arrebenta lá embaixo e, aí, sim, está caracterizado um crime. Mas o que fiz além de relatar fatos que REALMENTE aconteceram?

BULUNGA - Você se considera um injustiçado?

DESINFORMANTE - Nem sei dizer. Fico confuso, pois não estou fazendo nada que seja errado, mas apenas transmitindo para as pessoas o que ouço, vejo, leio e sinto, e caso essas INFORMAÇÕES desagradem ao grupo dominante, passo a ser ameaçado, perseguido, agredido, privado de minha liberdade. Será que estou louco? Parece um pesadelo!

BULUNGA – Quando você acha que isso começou?

DESINFORMANTE – Ah, joga aí uns seis anos, talvez menos. Foi com a posse do Conde Drácula que as coisas começaram a degradingolar. Mas piorou demais depois que

assumi o homem da facada. Pegaram no pé do cara e não largaram mais. E quem o apoiou, dançou.

BULUNGA – E o que você diz do período da democracia: foi real ou não?

DESINFORMANTE – Depois daquele tempo em que tudo era proibido, pois ferraram uma ditadura brava, a gente se assustou quando o compositor e cantor Chico Buarque começou a colocar nas letras de suas músicas, como em “Geni e o Zeppelin”, de 1986, coisas como “bosta”, “ela dá pra qualquer um”, mas essa composição já fazia parte de um musical do mesmo autor, de 1978, altamente censurado, e foi então que percebemos que alguma coisa havia mudado. A partir daí, as pessoas foram autorizadas a falar palavrões mais abertamente, as TV’s começaram a exibir programas de conteúdo sexual, as revistas masculinas, que àquela altura só exibiam peitos e bundas, passaram a mostrar também a perseguida, e o povo pensou que isso era democracia.

BULUNGA – Interessante essa análise... é um caso a pensar...



DESINFORMANTE – Mais interessante é que o próprio Chico, que seria o arauto da democracia, mudou sua narrativa e começou a apoiar ditadores. Assim, podemos dizer que, de 1986 até 1992, com o impeachment do “Caçador de Marajás”, vivemos o período da grande ilusão. E algum tempo depois, em 2016, tivemos outro impeachment, dessa vez da Rainha Louca. E o povo foi à loucura, imaginando que tinha poder. Havia grupos querendo impeachmar o Sílvio Santos, o Faustão, a Hebe Camargo, o Papa, o Neymar, mas aí tiveram que explicar que isso só valia para os políticos.

BULUNGA – Mas ao menos a ditadura acabou, com a “Abertura”, em 1986...

DESINFORMANTE – Acabou? Só mudamos de ditadura: antes, era da direita, agora é da esquerda. Não sei qual é pior. A coisa tá tão feia que nem posso citar o nome dos políticos, senão eu me lasco todo.

BULUNGA – Você acha mesmo que essa esquerda é mesmo de “esquerda”?

DESINFORMANTE – É claro que não. É só o jeito de falar. Tudo o que a esquerda quer é

poder e dinheiro. Os socialistas de hoje são mais capitalistas do que os próprios capitalistas. Vejam o exemplo da China e da Rússia: só querem riquezas, mas a custo de escravidão. Eles não aceitam a livre iniciativa. Querem a produção mediante a força e a opressão. Criticam o abismo social do capitalismo, mas fazem pior: a cúpula do partido passa a ocupar o topo da pirâmide, enquanto a população fica na extrema miséria.

BULUNGA - Nossa, quanta desinformação até aqui: estou até tonto! Mas vamos prosseguir.

DESINFORMANTE – Se você quiser, a gente para um pouco para você dar uma defecada.

BULUNGA – (risada) Além de desinformante, você é muito grosseiro!

DESINFORMANTE – Comigo não tem frescura.

BULUNGA - Vamos continuar: quando você percebeu que esse cenário mudou?

DESINFORMANTE – A coisa foi muito rápida. Antes, tudo era mascarado, manipulado de



forma sutil e pensávamos que tínhamos liberdade, mas não tínhamos. Mas aí veio a internet e, com ela, as redes sociais, deixando tudo às claras.

BULUNGA – Essa é a grande ameaça para os ditadores!

DESINFORMANTE – A internet permitiu, inclusive, que pessoas absolutamente anônimas se destacassem, mas o sistema não estava preparado para isso.

BULUNGA – O chamado “establishment”...

DESINFORMANTE – O povo queria um “cabra macho” que enfrentasse esse sistema, então qualquer um que falasse mais grosso venceria as eleições, e no passado tivemos aquele outro, que se dizia “caçador de marajás”, mas foi pego com a boca na botija, aceitando propina de um carrinho porcaria. Teve também um outro que fez o povo de fiscal, melhor dizendo, de bobo. E depois teve esse outro, que fazia papel de durão, tipo John Wayne, que dizia que ia fazer isso e aquilo, mas não fez e arregou no final. O país virou uma bagunça, e a narrativa da desinformação e das fake news tomaram força, sendo que, hoje em

dia, quem fala a verdade é taxado de mentiroso. E pior: é condenado por isso.

BULUNGA – Eu me lembro que no final do período da ditadura as pessoas queriam ver o país em ordem, queriam o progresso, a liberdade de expressão, queriam emprego, direito à propriedade, entre outras coisas, mas parece que hoje só querem saber de furunfar. Podem tirar todo o resto que eles nem ligam. É mais ou menos isso?

DESINFORMANTE – O sistema percebeu que uma nova geração mais burra só queria saber de vadiar, de soltar a franga, de curtir a vida, e assim investiram pesado nisso, oferecendo benefícios para quem não queria trabalhar. Aí foi moleza cooptar essa parcela da população, que é uma minoria, mas faz muito escândalo. Nos velhos tempos, a Democracia tinha como objetivo seguir a vontade das majorias, mas parece que agora as minorias é que estão com a bola toda...

BULUNGA - As coisas mudaram... Dizem que, fazendo um trabalho incansável e silencioso, a esquerda se infiltrou nas escolas, no serviço público e até nas igrejas, abraçando as causas do feminismo, dos negros, dos homossexuais e dos presidiários apenas para



usarem essas pessoas e atingirem seus objetivos. Você concorda com isso?

DESINFORMANTE – Você acabou de praticar uma desinformação.

BULUNGA – Eu????

DESINFORMANTE – Segundo o sistema, tudo isso é desinformação. E se eles dizem que é, não tem como contestar.

BULUNGA – Mas é a mais pura verdade!

DESINFORMANTE – Agora entendeu o meu drama?

BULUNGA – Sim, entendo... Você se considera um conservador?

DESINFORMANTE - Não necessariamente. Se formos classificar como conservador alguém que deseja preservar os valores do passado, tem gente que quer conservar os valores de Roma Antiga, de Athenas, de Sodoma e Gomorra, época em que os bacanais eram prática comum na sociedade, o que agora voltou à moda com o show da Madonna, na praia de Copacabana. Assim, eles é que são conservadores. Posso dizer que pessoas como eu são INOVADORAS, que acreditam no sucesso do trabalho, no progresso.

BULUNGA – Você tem saudades do tempo em que o candidato mais votado era eleito?

DESINFORMANTE – Não vá me dizer que acredita que as urnas tiveram “problemas”... Quem fala isso pode mofar na cadeia, sem direito a defesa.

BULUNGA – Não é sobre isso que eu estava falando. É que de uns tempos para cá, depois que inventaram o “quociente eleitoral”, muitos gaiatos são eleitos sem receberem quase nenhum voto.

DESINFORMANTE – Conheço bem esse

esquema. É quando um candidato muito famoso, denominado “puxador de voto” leva com ele gente em quem ninguém votaria, pertencente ao partido ou à coligação.

BULUNGA - Mas isso é um absurdo, não acha?

DESINFORMANTE - Seja bem-vindo: você está no país dos absurdos. Recentemente, uma região do país quase foi devastada pela ação das chuvas, mas o jornalismo “oficial” ignorou totalmente os fatos, dando notícias esparsas, minimizando as ocorrências, mas assim que soltei no meu canal os vídeos de pessoas que filmaram os reais acontecimentos, caíram em cima de mim, dizendo que eu estava espalhando fake News. Eles chegaram a AFIRMAR que nem havia chovido. E por causa disso passei a ser investigado...

BULUNGA - E por falar nisso, qual é o seu conceito de fake news?

DESINFORMANTE – Na tradução direta, Fake News significa informações falsas. É um termo inglês para determinar aquelas notícias maldosamente espalhadas para difamar, injuriar ou caluniar alguém, e o alvo principal sempre foi o pessoal da realeza. Mas depois descobriram que era quase tudo verdade.

BULUNGA - Então quer dizer que as “fake news” são, na verdade, “true news”...

DESEINFORMANTE – Tem o mesmo sentido de “desinformação”...

BULUNGA - Você acredita que a censura voltou?

DESINFORMANTE - Eu pratico a autocensura para não me comprometer, mas os Shan-Ti nunca estão satisfeitos e não aceitam ser contrariados. A punição deles pode ser exemplar, mesmo que não esteja prescrita em qualquer regulamento. Portanto, não

podemos dizer que a censura voltou, ou seremos censurados.

BULUNGA – O que você pode dizer dos tempos do Regime Militar?

DESINFORMANTE - Os velhinhos bobos que ficaram acampados pedindo ajuda das forças armadas, na verdade, estavam apenas querendo que os protegessem da ameaça alienígena dos Shan-Ti: ninguém queria que os uniformizados passassem a governar o país, pois todos sabem que não seriam capazes, porque só querem ficar nos quartéis jogando videogames, e assim perderam a conexão com o mundo real. Quando se deram conta de que essa espécie alienígena veio para tomar o poder, só lhes restou ficar “de quatro”, em posição de declarada subordinação.

BULUNGA – Você acha que as Forças Armadas poderiam ter resistido?

DESINFORMANTE – Já não tinha mais jeito. Os caras ficaram sensíveis. Não é de hoje

que só querem usar botas de pelica e reclamam da textura dos tecidos dos uniformes. Querem aprovar um modelito novo, com as cores do arco-íris. Fazem questão de usar cuecas da marca Calvin Klein. Não servem para nada. Se viesse uma guerra, iriam afrouxar. Deu no que deu.

BULUNGA - Você acha que os Shan-ti vieram para ficar?

DESINFORMANTE – Pode ser que sim, pode ser que não. A história é um grande ciclo sem fim. Essa fase vai passar. Depois vai voltar. E vai passar de novo. Não sei por quanto tempo vão permanecer no poder, mas o certo é que o prejuízo será grande. Só nos resta resistir.

BULUNGA – Como?

DESINFORMANTE – Endurecendo a nossa carne. Nos tornando intragáveis. Se tentarem nos devorar, serão obrigados a nos cuspir. Sairemos todos mordidos, mas sobreviveremos!



(31) 33748115 ou 98403-2524 (WhatsApp)

Buster Keaton

Guido Malaparte

Em um mundo onde a expressão “gênio” se banalizou e serve de referência para qualquer artista “meia-boca”, desdentado, e alguns incapazes de digerir a própria nulidade, Buster Keaton foi, na acepção da palavra, um dentre os poucos gênios da comédia. Nos primórdios do cinema, ainda mudo, em preto e branco, utilizando equipamentos rudimentares e técnicas ainda não exploradas (muitas em uso ainda hoje), ele, juntamente com Chaplin e, talvez, apenas talvez, Harold Lloyd, formaram a tríade ou a nata do humor. Eles criaram gêneros, estilos e aperfeiçoaram o que artistas posteriormente copiaram e adaptaram, uns com sucesso, outros, sem talento, foram incapazes de reproduzir.

Antes que me esqueça, há uma cena no filme “Luzes da Ribalta”(1952), de Chaplin, onde o ator britânico contracena com Keaton em uma espécie de recital: Buster ao piano e Charles ao violino. A ação é impagável! Hilariante!.. Sempre houve uma certa “disputa” entre os fãs de Keaton e Chaplin quanto a quem seria o maior entre eles. Nessa época, o americano estava meio esquecido em Hollywood, e o inglês estava no auge da fama. Chaplin, a fim de reconhecer o talento do “rival”, e trazê-lo de novo às luzes, convidou-o pessoalmente a integrar o projeto. Além de um gesto digno e generoso, Charles foi justo em sua homenagem.

Uma lástima, para a grande massa, Keaton não ser conhecido além do grupo de aficionados e estudiosos; e muito se deve, apesar do seu talento superlativo, ao fato de nunca ter sido um bom marqueteiro, e também algumas péssimas escolhas para a carreira, quando estava no auge da fama.

Ator, trapezista, diretor, produtor, roteirista, e mais uma gama de outras habilidades a desempenhar com elevada aptidão, Joseph Frank Keaton nasceu em 1895, em Piqua, Kansas. Filho de pais que trabalhavam no vaudeville itinerante, sua mãe, Myra Keaton, iniciou o trabalho de parto do bebê Buster, no palco. A sua ligação com a arte estava definitivamente consolidada, e perduraria até a sua morte.



A estreia se deu aos 3 anos, contracenando com os pais, e m 1899. O espetáculo se chamava “Os três Keatons”. A primeira aparição no cinema se deu pelas mãos do diretor Roscoe “Fatty” Arbuckle, em 1917. Era uma ponta, mas a sua atuação foi tão impressionante e natural, que tornou-se impossível continuar a produção sem ele. Daí em diante, foram 14 curtas até o início da década de 1920, todos em parceria com Arbuckle.

Ainda em 1920, participou do seu primeiro longa, criou a sua própria produtora e detinha o completo domínio sobre as suas produções. Iniciava-se a sua época de áurea, que perduraria até a assinatura de contrato com a MGM... mas essa é outra história.

Ao contrário de muitos artistas do gênero, Keaton privilegiava a ação, os movimentos, ao instaurar a comédia por meio da linguagem cinematográfica utilizando-se de objetos, acrobacias, quedas, saltos, fugas, e o cuidado detalhista com os cenários, tomadas e enquadramentos, numa espécie de “comédia física”, se assim podemos chamar. Nada era improvisado em termos de roteiro e produção. Meticuloso e perfeccionista, Buster se esmerava em cada minúcia, a trazer à realidade aquilo gerado em sua imaginação. Não existe paralelo na história cinematográfica; e qualquer um a contestar, pode se convencer da sua maestria, bastando assistir um dos seus filmes.

Se Chaplin concebeu a sua “magnum opus” em “Tempos Modernos” e o “Grande Ditador”, a obra de Keaton tem de ser avaliada em seu todo, da mesma forma que em seus filmes ele privilegiava também o todo e não apenas a atuação. Mesmo sendo o centro, o personagem principal, é quase impossível não notar o esmero com que coadjuvantes, direção, produção, cenas e cenários encontram-se em unidade indissolúvel: nenhum detalhe pode ser prescindido, nada pode ser acrescentado; e o humor está exata-

mente na relação desajustada e hiperbólica entre personagens/objetos/cenários.

O estilo Keaton imprimiu influência diversificada no mundo da arte e entretenimento, ao ponto de personagem de quadrinhos, como Pernalonga e Papa-Léguas, surgirem a partir do seu humor absurdo e improvável. Não é difícil também apontar a sua influência em outros humoristas: Oscarito e Jackie Chan, p. ex.; e desembocar em diretores, como Jacques Tati e Wes Anderson, entre outros.

Buster Keaton não utilizava dublês. Ele mesmo se encarregava de fazer as cenas perigosas. Em algumas delas, colocou a sua vida em risco. Citarei três.

No filme “A General”(assim como ele sempre, para mim, o melhor dos seus filmes. Se ainda não assistiu, não perca tempo!), na cena antológica em que a locomotiva sulista está se deslocando, Keaton assenta-se em uma parte que movimenta as rodas do trem, fazendo-o subir e descer lentamente. As chances de falhas na composição, não eram poucas, e o ator poderia ser lançado para longe e machucar-se seriamente, mas não parece afligir o espectador, tal a sincronia entre máquina e homem no desenrolar da cena, ainda que o improvável pudesse se tornar factível e não apenas considerado ou suposto.

Em “As três idades”, Keaton tem de pular de um prédio para outro, entre uma rua. Ele calculou erroneamente a distância e, por pouco, não ocorreu uma fatalidade. Ao chocar-se com a parede do prédio, caiu em uma rede de proteção, e ficou no estaleiro por alguns dias. Na versão final, é possível ver a cena, pois Buster sempre ordenava aos câmeras nunca pararem de rodar, a despeito dos acidentes que pudessem ocorrer.

No longa “Marinheiro de Encomenda”, talvez a mais inesquecível, Keaton arrisca-se em uma cena incrivelmente magnífica: no meio de um temporal, o vento arrasta e derruba pessoas e destrói casas. Quando o personagem de Buster, descuidado e in-



consciente do perigo, para diante de uma casa, a parede desaba inteiramente sobre ele, que escapa incólume, graças a uma janelinha no sótão, suficiente para salvá-lo. Nessa cena, milimetricamente estudada e executada, Keaton marcou o lugar com um prego no chão, e não poderia se mover sequer alguns centímetros, sob o risco de ser esmagado pela estrutura de 2 toneladas. Todas essas cenas foram produzidas sem qualquer truque ou efeito visual; era o próprio ator desafiando os elementos.

A sua pior decisão profissional aconteceu em 1928, quando assinou com a MGM. Ali estava decretada a sua “prisão” criativa e intelectual, já que não controlava mais o processo cinematográfico ao qual estava habituado: a construção desde os roteiros até a edição final. Um mega estúdio preocupava-se muito mais com o lucro e a fama do que inovação e engenhosidade. Ele jamais imaginou ser um mero ator, ao sabor e dessabor de projetos massivos e artificiais. Nunca mais seria o mesmo, apesar de conseguir sobreviver em apresentações na Europa, onde instalou-se por anos, e podia colocar uma fração do seu gênio. Entretanto, não era cinema, a grande paixão, e ele acabava por perder grande quota de si mesmo.

Não é possível, infelizmente, tocar nos inúmeros aspectos da sua vida tumultuada, criativa e singular, tanto no aspecto pessoal, familiar como profissional. Não é este o objetivo. Contudo, ressaltar a importância do artista monumental que Buster Keaton foi, e ainda é, para a arte e seus fãs. Eu o reputo como o maior humorista de todos os tempos, em uma galeria de nomes notável: Chaplin, Laurel & Hardy, Harold Lloyd, Jacques Tati, Cantiflas, Jerry Lewis, Woody Allen, Mel Brooks, Steve Martin, Peter Sellers, Lucille Ball, Grande Otelo, Oscarito, Irmãos Marx, entre outros. E sua marca ou impressão digital pode ser detectável em praticamente quase todas as comédias cinematográficas, desde que surgiu nos primórdios do cinema. De um talento extraordinário, exercia cada um dos processos criativos, concebia e realizava películas como se fossem parte de si.

Morreu em 1966, em Los Angeles. Cidade onde o mundo viu surgir uma lenda ou, para muitos, o “deus da comédia”.



FÁBULAS

crônica de **Michel Salomão**



Quando eu era pequeno, o meu pai gostava de contar repetidas vezes a história de João e Maria, sobre aqueles irmãos que haviam sido abandonados na floresta pelos pais, e acabaram encontrando a casa da bruxa, que era toda feita de doces e biscoitos, uma armadilha que a velha fazia para atrair os inocentes e passá-los para rango.

Eu ficava horrorizado com a hipótese de fazerem isso comigo, e por isso sempre trazia em meu bolso uma sacolinha com punhados de feijão ou milho, para marcar o caminho de volta, assim como fez o menino da fábula, apesar de saber que logo atrás viria uma galinha comendo os grãos, o que frustraria a iniciativa.

Ficava intrigado com essa mania besta que a bruxa tinha de comer criancinhas, considerando que podia se fartar de frango assado, presunto, pernil, quibe assado, salpicão, maionese, vaca atolada, macarronada, feijoada, polenta, arroz com passas, entre outras guloseimas, além de poder comer os doces e biscoitos das paredes, janelas e telhados, mas ela insistia em querer engordar os pimpolhos, pois estavam muito magrinhos, e imagino que deviam ser bem mais gostosos que a comida da bruxa, para valer todo esse esforço.

Levei um tempão para superar esse medo do

abandono, mas somente depois do quarto divórcio é que me acostumei a ficar sozinho, na companhia do meu gato Steve Austin.

Coloquei esse nome em homenagem ao personagem de um velho seriado da TV, “O Homem de Seis Milhões de Dólares”. Naquele tempo, todos ficavam boquiabertos, pois isso representava uma verdadeira fortuna, e o tal homem biônico dava uns pulos malucos, assim como faz o meu gato, daí o seu nome, mas hoje em dia, por esse preço, mal daria para comprar um jogador de futebol da segunda divisão.

A maior parte dessas histórias infantis foram escritas (ou transcritas), com base no folclore de seu país) pelos Irmãos Grimm, sobrenome de Jacob e Wilhelm, que nasceram e viveram na Alemanha, entre os anos de 1785 e 1863, autores de contos de sucesso como “Chapeuzinho Vermelho”, “A Bela Adormecida” e “Branca de Neve”, entre diversos outros, com uns temas meio sinistros, envolvendo bruxas, fadas, duendes (eu ia dizer anões, mas não vou, ou serei cancelado) e outros seres fantásticos, mas em suas histórias o bem sempre vencia, diferente do que acontece nos tempos atuais, com bandidos se dando bem e chegando a ocupar os mais altos cargos nos Poderes do Estado.

MAIS UM DIA, COMO OUTRO QUALQUER

um conto de Jorge F. Isah

Na última sexta-feira, precisava dormir um pouco mais cedo, e escovava os dentes às 22:30 h quando senti as paredes tremerem e os vidros estalarem. Súbito, imaginei tratar-se de um terremoto, erupção vulcânica ou bombardeio por drones. Não era nada disso, pois ao mesmo tempo, ouvi nitidamente, e para meu desgosto e desconforto, o som bate-estaca de um “tum-tum-tum” agressivo e torturante. Não consegui, à primeira vista, identificar a origem do som, de onde vinha, pois parecia onipresente: para onde me virava, lá estava ele, a arrastar-se debaixo da cama, molhar-se no chuveiro, a folhear os livros na estante, silenciar os tiros na TV, afugentar a gata no cio, derreter a pizza no forno desligado... Abri a porta que dava acesso à garagem, e lá estava ele novamente: mais alto, mais escroto, mais bárbaro. Não dava para saber qual música era, se um folk, rock, sertanejo ou funk; não se ouvia mais nada, instrumento ou voz, apenas o “tum-tum-tum” doentio e perverso.

Saí à rua, dobrei a esquina e cada vez mais me expus à ostentação torturante de um carrasco ou verdugo. Pensei comigo: “se descubro o miserável...”. Mas sabia que, como a maioria das minhas promessas, esta também não se cumpriria, a menos que o destino me proporcionasse liderar um esquadrão da morte ou uma milícia digital, como os defensores da democracia insistem em tratar os seus desafetos e opositores, sem o despudor deles mesmos serem a origem e a disseminação das ofensas e mentiras, tratando a si por ofendidos e caluniados. Mas isso, de nada, me trará algum benefício, não quanto ao fim da orgia sonora e o objetivo de recostar-me no travesseiro macio e cheiroso e dormir como um bebê.

Entrei em casa, e me dispus a não deixar a noite ser estragada por um imprestável e atroz propagador de fake-news. Sim, qualquer um a chamar aquilo de música, a ecoar pelas ruas, pular os muros, atravessar o concreto e vidro, e alojar-se nos tímpanos e degradar os poucos neurônios ainda não danificados completamente, merecia a forca, a cadeira-elétrica, queimar na fogueira, ser empalado, e sofrer mais um tiquinho nas mãos do capeta. Por falar no dito cujo, se o conceito medieval de inferno estivesse certo, e ele, o Mefistófeles, fosse o “chefão” do lugar, o que diga-se, está muito longe da verdade, como forma de tortura aos impenitentes, especialmente pagodeiros, funkeiros e metaleiros, deveria tocar lá nas profundezas Handel, Mahler, Rachmaninoff ou Bach. Mas acho que o próprio diabo se torturaria...

Tentei dormir. Nada. Peguei um livro para ver se o sono chegava. Nada. Coloquei Corelli, e também nada. Liguei a TV, o volume em 48, e quase não pude

ouvir as insignificantes caixinhas de som do home theatre; sucumbiram vexatoriamente no embate com o “tum-tum-tum” exterior, a se tornar tão interior como os meus intestinos. Por fim, coloquei as legendas, para ver se entendia alguma coisa. Entretanto, estava aéreo, meio sonolento, meio dispenso, meio impaciente, e muito irritado. Liguei para o 193.

- Olha, tem alguém com uma música insuportavelmente alta...

- Ah, é...

- Sim. Preciso de uma viatura para dar um jeito no indivíduo.

- Já tentou conversar com ele?

- Como assim?

- Como assim?!... Ora, ir lá e pedir com educação para ele baixar o volume... O que mais pode ser?

- Qual a chance de alguém que naturalmente é incivilizado, mal-educado e insensível ao ponto de colocar o som nas alturas, de madrugada, ouvir os meus apelos?

- Não custa tentar...

- Posso levar a minha PT?

- O que?! – Ele se fingiu de égua.

- O meu trezoitão, para o caso de não ser bem recebido.

- O que você quer, rapaz? Começar uma guerra?

- Não, acabar.

Desliguei, quando ele pediu o meu endereço.

Não é a primeira vez e, infelizmente, não será a última. É sempre assim, a gente paga impostos até do ar que respiramos, e na hora agá os agentes públicos simplesmente dão uma grande banana e não fazem nada. Agora, se eu chegar na casa do meliante (alguém a cometer tamanha selvageria não pode ser tratado de outra maneira), der uns tiros para o alto e ameaçar dar uns pipocos se continuarem com a zueira, certamente oito ou dez viaturas, junto com o corpo de bombeiros, a swat, a polícia federal, a cia, KGB, e os cambau, cercarão a minha casa e me prenderão, se não acharem por bem livrar o mundo de um malvado como eu.

As 3 da madrugada, o som continuava incólume, e estava na metade do segundo filme da noite. Por volta das 5 h, finalmente o silêncio. Mas algo em mim havia se sublevado, e decidi arrastar para fora as minhas não utilizadas caixas de som de 200 watts. Escolhi Parsifal, e pus no talo. Ainda não havia começado o Ato 1, e eu mesmo já estava disposto a estourar as drogas das caixas, quando ouvi o barulho de blindados, sirenes e um helicóptero a sobrevoar a casa. Recostei-me à cadeira, aumentei o volume um tiquinho mais, e sorri ligeiramente satisfeito.

coluna do

ClodoKill

Fernandes

O epílogo das gêneses

A política brasileira parece um grande maternal, onde meninos mimados e birrentos se arrancam, estapeiam e gritam por seus carrinhos, bonecas e miniaturas de super-heróis, barbies e pufs fofinhos. Os mais sortudos, agarram-se aos seus celulares, tablets e Tvs, sempre a passar freneticamente imagens e vídeos de coisas inalcançáveis às suas mentes ainda desfiguradas, mas suficientes para ensinar-lhes a se deformarem exaustivamente e quase sem volta. Sem contar a atenção e aprovação maternal, que pode ser uma “tia”, “fessora” ou mesmo de um marmanjo que se sinta “mamãe”, mesmo não tendo como dar de “mamá” ao pirralho. Um ou outro, lá pelo meio da existência, se deparará com as asneiras e tolices apreendidas, empreendidas e propagadas, mas será um e outro; não raro, a maioria se considerará, até depois da morte, estar certo e ser o detentor da imensurável e indizível verdade relativa (imensurável e indizível porque existem apenas em cérebros do tamanho de uma ervilha, situados nos umbigos ou naqueles orifícios traseiros), e o estrago, a carcomer o tempo, jamais será revertido... quando muito aplacado.

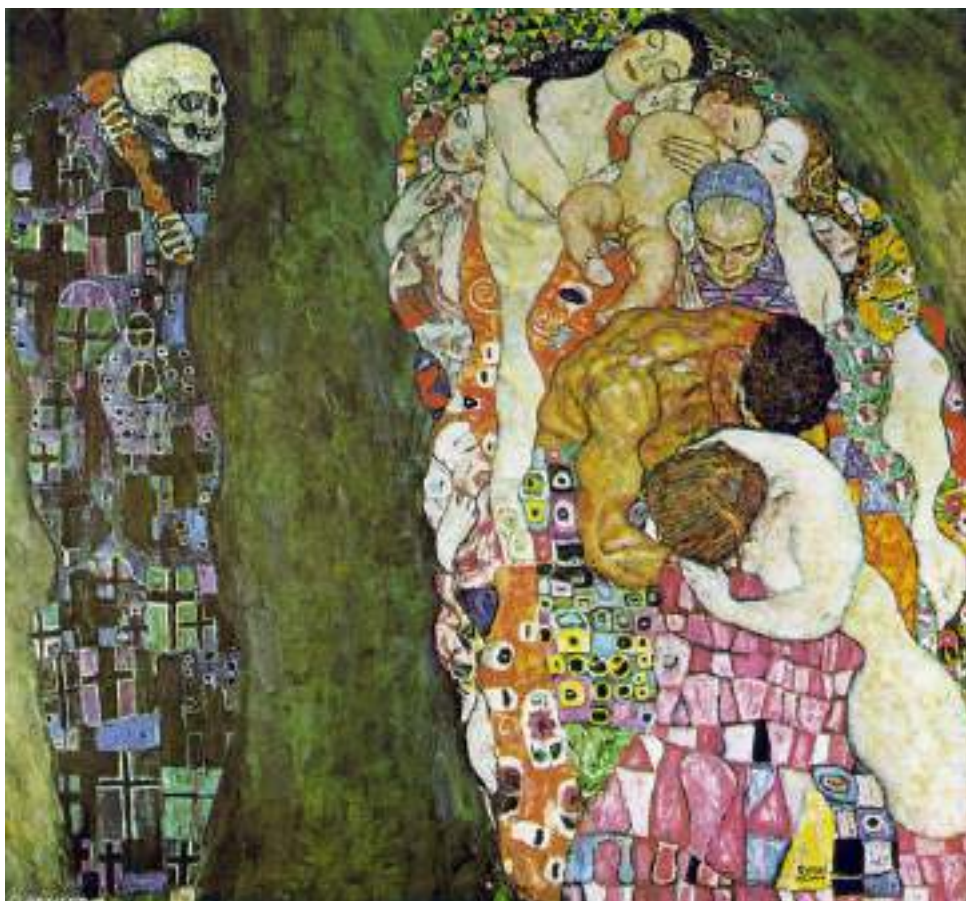
Ouvir audiências no plenário de qualquer câmara legislativa é o mesmo que ser massacrado por um bando de orcs e trolls, cada um a lançar o mais longe possível seus perdigotos e impropérios, entre urros e carrancas, como se estivessem numa gincana do maternal, sob efeito de alucinógenos e estimulantes sintéticos. Quem cuspir mais longe, ganha o troféu do ano. O mesmo se dá, com poucas variações, nas sessões das cortes secundárias e supremas, nos gabinetes governamentais e, igualmente não raro, nas redações e estúdios midiáticos. Os indispostos à verborrágica inutilidade reclinam-se nas confortáveis poltronas e dormem o sono descabido. Depois, afastados dos olhares digitais, se refestelam em tapinhas nas costas, suculentas costeletas de javali e caudas de lagostas grelhadas na manteiga e ervas... Nos salões ovais e octogonais, reúnem-se a bebericar whiskies, champanhas e manhatans sem a menor cerimônia, rindo e escarnecendo dos mais tolos e dos mais espertos dos contribuintes e espectadores. Não

são todos, vá lá! Mas o circo é armado mesmo que tenha um domador de leões, um faquir e malabarista, a despeito da maioria de palhaços.

A quase totalidade não se presta mais em sequer esconder seus propósitos e a que veio; nem mesmo aquele velho chavão: “estou aqui para servir ao povo”, faz parte do discurso e da grade digital. Não se furtam (e não é uma figura de linguagem) ou escondem qual sejam seus propósitos: tirar o máximo e desfrutar de todas as benesses burocráticas, seja oficial ou oficiosa, legal ou ilegal... a impudicícia e descaramento, antiético e imoral, é o lema exposto debaixo dos holofotes e pirotecnias.

Como macacos de auditório, pulam, esperneiam, se rasgam, cantam loas a si e seus pares, dizem fazer o que não fazem, e fazem petulantes o que não dizem, alguns até dizem e fazem, mas dizem que o fazem por amor e justiça, para o bem maior, enquanto o bolso e a consciência batem palmas safardanas, certos de não se saciarem, ávidos por conchavos, acordos e franquias propícias a si próprios e seus negócios, às vezes ocultos, outras vezes descarados, mas sempre justificados com as boas intenções do diabo e seus molejos embuçados.

A vigarice é quase uma unanimidade nacional, e, quanto a isso, pouco ou nada se pode fazer, dada a leviandade arraigada às almas e instituições brasilienses (não nessa ordem, ou melhor, nessa desordem). De outra forma, como eu seria capaz de escrever este artigo, publicá-lo, e ainda assim encarar a mim mesmo como o paladino do oeste, do leste, do norte e do sul? Só conservando a cara-de-pau, este abjeto mas ingênito ardor nativo a pautar velhos e jovens, mortos e não-nascidos, no fulgor inato do “triste fim de Policarpo Quaresma”, no decrepito das maternidades e parteiras. Só mesmo aquele funk pancadão, as diatribes das focas, e o silêncio histriônico dos cegos, surdos e mudos, que veem o que não se vê, não veem o que se vê; ouvem o que não se diz e não ouvem o que se diz; mas estão sempre dispostos a falar o que não entendem e esquecer-se de que até uma mula continuará mula, independente da fantasia que use.



Morte e Vida
de Gustav Klimt

VIDA E MORTE

Todos nós vamos morrer um dia: uns mais cedo, outros mais tarde. Entre os que ficarem, alguns sentirão saudades, enquanto outros irão dizer “vai tarde”. É a vida. Ou a morte.

Existe um quadro de Gustav Klimt, pintor Austríaco, que viveu entre 1862 e 1918, intitulado “Morte e Vida”, que é um pouco parecido com outra de suas obras, a mais famosa delas, “O Beijo”, porque na época ele desenvolveu esse tema, em que os personagens estão envolvidos em uma espécie de colcha de retalhos. E a vida é isso: cheia de remendos, de improvisos, o primeiro beijo pode não ser planejado, alguns filhos podem vir por falta de cuidado, o casamento pode não dar errado (sim, é possível) e aí vem o envelhecimento que pode ser ou não coroado de sabedoria, e por fim o descanso. Dizem que a morte é uma etapa, pois o jogo não acaba aí, mas ninguém voltou para explicar o que ocorre no segundo tempo, ou até mesmo na prorrogação, e ficamos sem saber o que acontece depois que fechamos os olhos e começamos a ressecar e a virar cadáveres, o que dá margem a especulações, quando alguns arriscam dizer iremos para um lugar maravilhoso, cheio de nuvens ao redor (é o céu), onde tem

um monte de anjos tocando harpas, enquanto outros defendem que será um lugar muito quente, tipo insuportável, e que fede um horror.

Para muitas pessoas, a vida não tem sentido, e fazem dos seus dias um tormento, cotidianamente reclamando da falta de sorte, enquanto outras comemoram cada amanhecer, sorvendo o elixir da natureza, procurando ser úteis, prestativos, conselheiros, e dormem com a expectativa de que o outro dia há de ser ainda melhor.

Conheci algumas pessoas totalmente inúteis nesta vida. A morte delas seria considerada um alívio para os mais próximos, mas também convivi com pessoas imprescindíveis, cuja perda chegou a doer como uma faca enfiada nos rins.

Fico pensando se alguém sentirá a minha falta, quando partir. Pode ser que um gaiato chegue a pensar “que pena, ele fazia um estrogonofe até legal”. Por isso escrevo livros, para deixar registrado, na esperança de que um dia poderei virar moda, antes de morrer, é claro, pois não tenho a intenção de ser reconhecido postumamente, mas como não tenho controle sobre essas coisas, e não quero competir com Deus, só me resta exercer o meu solitário ofício.

Michel Salomão

MÁ DONNA



A passagem da cantora Madonna pelo Brasil foi constrangedora. Tudo que a gente espera de uma pessoa madura, para não dizermos “velha”, é que seja sábia, serena, respeitável, elegante, mesmo que tenha aprontado muito durante a juventude, mas ela se esqueceu que se passaram 40 anos desde que começou a fazer suas polêmicas performances sexuais nos palcos, e esse sua última “aparição”, denominada “celebration”, foi uma coisa abominável.

Madonna é a Dercy Gonçalves da música. Contudo, Dercy era engraçada, não pelos palavrões que jorravam de sua boca, mas pelo mau-humor que não é incomum entre as pessoas mais velhas, que não se dão conta que estão sendo ridicularizadas, e isso é que as torna engraçadas.

E a “rainha” popstar merece o título de ridícula. Não é agradável ver suas coreografias, com suas danças um tanto mancadas, principalmente quando simula fazer sexo com homens que não são necessariamente homens, e também com mulheres que nem se sabe o que são. Não é questão de preconceito, mas de estética, e esse atributo ela realmente desconhece: com seus brachinhos e garras de harpia, con-

trastando com as inúmeras intervenções cirúrgicas e preenchimentos na face, ela agora se parece bem mais velha do que é, fenômeno muito comum com pessoas que enlouquecem com o fato de terem envelhecido, a exemplo de Jocelyn Wildenstein (a mulher-gato), de Donatella Versace e da Gretchen.

Cindy Lauper, sua eterna concorrente, envelheceu bem melhor, mesmo tendo passado por várias crises, uso de drogas, alcoolismo e depressão. Não é possível saber se realizou sessões de “rejuvenescimento”, mas não há dúvida de que está mais inteira do que a matrona, digo, Madonna.

Pior ainda são os rituais ocultistas que a velha senhora insiste em praticar até mesmo no palco, pois parece estar preocupada em acertar as suas dívidas com o chifrudo, que no princípio oferece fama, dinheiro, sucesso, mas depois toma tudo, é o que dizem.

Hoje se parece uma caricatura de si mesma, fazendo os seus espetáculos com playback, também conhecido como “dublagem”, xinga e cospe na plateia, e tudo indica que este festival dos horrores foi realizado no Rio de Janeiro, em Copacabana, tenha sido o último.



por MICHEL SALOMÃO



Em um passado não muito distante, a atividade cartorária era uma concessão dada a parentes e amigos de políticos influentes. A atividade era passada de pai para filho, e assim muitos analfabetos de pai, mãe e parteira eram responsáveis por registrar imóveis, títulos, documentos, matrimônios e o nascimento de crianças, as quais recebiam o seu nome naquele ato, quase sempre anotados em um pedaço de papel de pão engordurado. Para piorar a situação, muitas vezes os pais ou responsáveis eram ainda mais analfabetos, e assim foram feitos registros absurdos, que tentaremos listar logo a seguir.

Felizmente, hoje em dia, a titularidade dos cartórios é concedida por meio de concursos públicos, e eles sofrem uma severa fiscalização das Corregedorias Gerais de Justiça, sendo difícil que casos assim como

esses ainda aconteçam, pois os Oficiais são orientados a não aceitarem registrar nomes exóticos, mesmo que mediante a insistência dos genitores ou responsáveis.

Porém muitos nomes foram registrados da forma como são falados, a maioria de origem norte-americana, emprestados de artistas e celebridades, a exemplo de Michael Jackson, que inspirou os nomes Maikow, Maicon ou Maiquel; John Lennon, virou Joleno, Wall Disney virou Valdisney, Beatles deu origem a Bitous, Mike Tyson virou Maiquetaisson, Hollywood virou Roliúde, mas também tem Maxwell que se transformou em Maiconssuel, Jonathan que se tornou Jonatas, e não para por aí.

É muito comum que o casal apaixonado queira misturar o nome de ambos para presentear o resultado do amor de sua união, criando nomes exóticos como Wam-

berto (Wanilza com Gilberto), Jaiane (Jair com Cristiane), Joenilza (Joel com Nilza), que já se tornam até comuns, pois outros casais resolveram copiar.

Mas o povo é mesmo criativo e, acreditem, existem registros de nomes como Cafiaspirina Cruz, Cólica de Jesus, Esparadrapo Clemente de Sá, Holofontina Fufucas, Irisdelfane Clei, Kussen Pestana, Mijardina Pinto, Necrotério Pereira da Silva, Ocricocrides de Albuquerque, Soncórdio

Luciano, Tigalphinezer Fernando Lima, Tospericagerja (em homenagem à seleção do tri: Tostão, Pelé, Rivelino, Carlos Alberto, Gerson e Jairzinho), Uósteles Filho, Vitimado José de Araújo, e muitos mais, e se quiserem se divertir, acessem o link na internet <https://segredosdomundo.r7.com/nomes-mais-estranhos-do-brasil-lista/> que mostra uma grande lista de nomes exóticos, destacados de registros de cartórios, ou seja, é tudo de verdade.



KÁLAMOS

www.kalamos.com.br

DIÁRIO DE UM sujeito

Helvécio S. Pereira

SOBRE A MÚSICA - PARTE II

A banda Iron Maiden conseguiu a proeza cômoda, para eles, e incômoda para os ouvintes, de, segundo os critérios de certo musicista, expert em quase tudo sobre música, como compositor, multi-instrumentista, arranjador, analista e crítico musical, de haver composto e produzido setenta e sete canções com apenas três acordes, e, na maioria delas, utilizando a mesma progressão (sequência de acordes); ou seja, em mais de quarenta anos, foram incapazes de criar algo musicalmente de valor, e foram apenas capazes de repetirem a si mesmos.

Contudo, a legião de fãs espalhados em todo o mundo, não se deu conta disso, nem guitarristas, tecladistas, vocalistas, produtores e as inúmeras bandas covers especializadas no repertório da “donzela de ferro”. Se, porventura, assistirem ao vídeo desse jovem maestro, ficarão chocados e tão revoltados que haverá uma enxurrada de mensagens, comentários irados, ofensivos e detratores, típicos dos autênticos “haters” e, até mesmo, de muitos “posers”.

Por que menciono isto? Porque este fenômeno não se circunscreve somente com essa banda inglesa, mundialmente aclamada, mas com praticamente quase todos os chamados “artistas”, do pop, passando pelo rock, sertanejo, e excrecências piores como o funk. Se preferirem, noventa e tantos por cento do cancionário produzido e patrocinado pela indústria do disco, e agora não mais do “disco”, mas da música em geral, é um amontoado insone e repetitivo da fórmula mais mendicante e estropiada de produ-



ção em série do repertório popular. A exceção, por razões óbvias (inalcançável para a maioria), seria a odiada e desprezada, pelo populacho e seus pares: a música erudita ou clássica. A bem da verdade, “música erudita” e “música clássica” não têm uma exata correspondência, ainda que tenha excelência, com pouquíssimas ressalvas.

O ouvinte médio age como alguém que, para mostrar falsa erudição, usa e abusa de estrangeirismos na fala sobre qualquer assunto, especialmente afeito aos que menos entende e domina; ou seja, valoriza certos solos de guitarra, certos timbres de vocais, certo peso na bateria, ou algum baixo melódico. Foca-se em detalhes, em fragmentos, e constrói-se toda uma veneração ilógica e irrefletida em relação às peças musicais, produzida por bandas ou músicos solos.

Alguém pode asseverar que o “que conta na Arte é o sentimento, a emoção” (sic), entretanto, embora o ser humano seja movido por indecifrável prazer que o empurre em determinada direção, seja profissão, acadêmica, hobbies, invenções, etc., não sendo justo nem razoável desprezar esse fenômeno; prazer por prazer é algo subjetivo e, até mesmo perigoso, ao ser guiado a situações desastrosas e reprováveis, caindo na cilada de, por exemplo, justificar os atos de um “serial killer”, simplesmente porque o infeliz tem prazer em matar pessoas. Se a moda



pega...

Logo, gostar de uma música, de uma obra ou peça musical, não é de todo errado, mas não se pode abrir mão de certa e desejável racionalidade, compreensão, tão desejável e compulsória na música, como expressão de linguagem. Seria normal passar ao largo do conhecimento, ainda que basilar da Música? A resposta não pode ser outra: o conhecimento é plenamente normal em outras culturas e nações; saber música não é uma exceção, mas algo que naturalmente deveria e deve fazer parte da formação individual dos ouvintes.



Não foi assim no primeiro século da colonização brasileira, quando os jesuítas, primeiros religiosos vindos ao então nascente Brasil, ensinavam literatura, teatro e música, tanto a índios como às crianças nascidas das primeiras gerações de autênticos brasileiros? A primeira faculdade, não oficialmente reconhecida, foi de filosofia e lá também havia um curso de artes. Com isso, o ensino das artes foi, na prática, o primeiro curso superior oferecido na nova nação, onde hoje é a atual Bahia. Claro que esse processo de formação importante e desejável, na sua excelência, foi interrompido pelo ato destemperado e apedeuta do Marquês de Pombal, ao expulsar do dia para a noite os jesuítas da colônia brasileira. O oposto ocorreu nos países da extinta União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, e ainda de certo modo na atual Federação Russa. Várias gerações de autênticos europeus dos países do leste têm ótima compreensão musical, como linguagem, não uma mera diversão ou passatempo, o que nem de longe ocorre no Brasil, um terreno fértil e cômodo para a indústria da música ganhar rios

de dinheiro à custa de aberrações pseudoartísticas, e fazer da composição, da instrumentalização, da voz e encenação, um emaranhado estapafúrdio e nonsense, típicos do mais paradoxal esquema de reproduzir porcarias e chamá-las de “arte”. Chega-se ao cúmulo de bisar o lixo e reputá-lo original. O último e autêntico lampejo de qualidade foi realmente a Bossa Nova. Sobre ela, meu filho perguntou ao meu pai:

“Vô, o senhor gosta de Bossa Nova?”

E ele, escritor, poliglota, jurista, gênio, violonista clássico, entre outros atributos menos destacáveis, mas não menos memoráveis, aos 93 anos, respondeu:

“Qual?”

Meu filho completou:

“Do Tom Jobim, vô!”

“Ah, esse sim!”

Que se passe a régua!



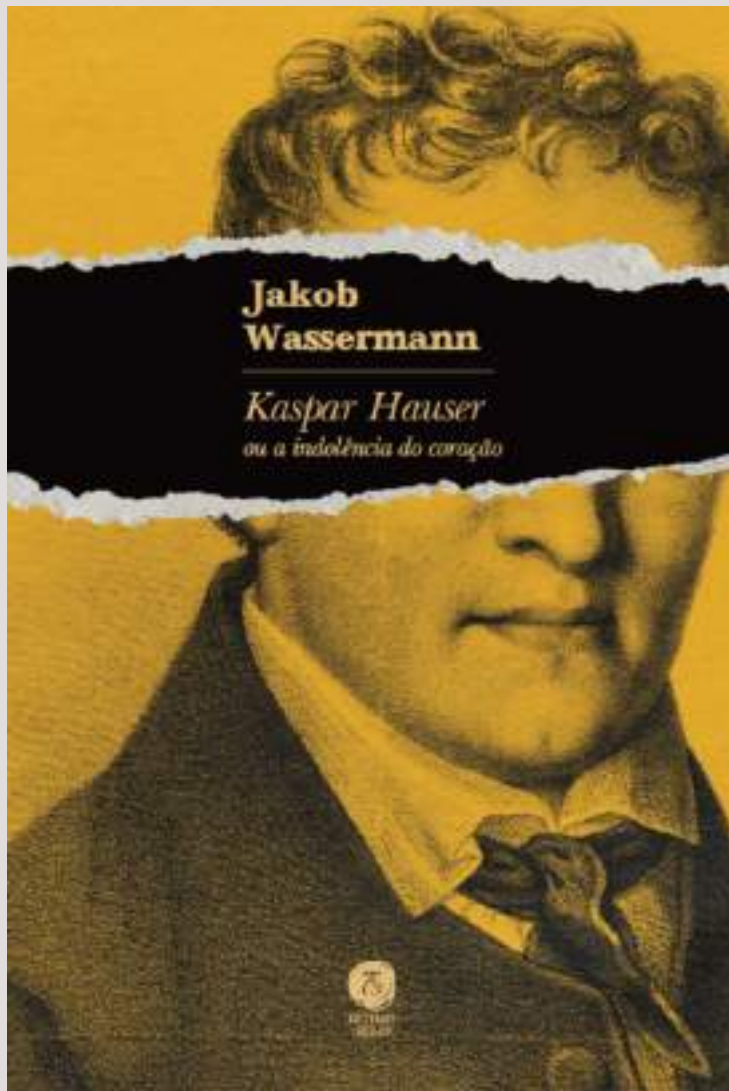
WhatsApp (31)98025.1010 - Telefone (31)3222.1010

KASPAR HAUSER

Jorge F. Isah

Neste mundo, muitos são os personagens e eventos a guardarem a sua parcela enigmática, obscura ou simplesmente farsesca, a iludir e enganar um bom número de simpatizantes, a divertir e aguçar a curiosidade de outros, a aflorar emoções as vezes ambíguas, as vezes sinceras, não raramente oportunistas. Seja por um motivo ou outro, o fato é que a figura de Kaspar Hauser ganhou contornos épicos, de heroísmo estoico, a suscitar reações e emoções um tanto quixotesecas, as raias do lirismo, em outras, impermeáveis, ladinas, quase cruéis; sempre a revelar e mostrar as várias facetas da humanidade, tanto para o bem quanto o mal, por vezes prudente, outras displicente ou, quando não menos, a revelar os preconceitos, imoderação e açodamentos em juízos e sentenças, das quais ninguém estava disposto a libertar ou desvencilhar-se.

Existem, claro, os indulgentes de primeira viagem, aqueles incapazes de, no primeiro momento, tecer qualquer censura ou depreciação quanto à figura ou situação recém-apresentada. A estes, com todas as eventuais consequências da esperança e otimismo quanto a homens e seus atos, solidarizo-me, porque é preferível de antemão confiar até que se prove o contrário do que a desconfiança como a previsível inabilidade pós-moderna de se relacionar, conviver e até certo ponto se sacrificar em favor do outro. Não digo de uma ideia, conceito ou qualquer arrazoado, por mais robusto, mas de gente, pessoa, igual a nós e, talvez, melhor do que nós. Existe sempre a possibilidade do contrário, do indivíduo ser o filhote do capeta, estar a seu serviço e abusar da confiabilidade; mas aí, a culpa será sempre dele e não o inverso; será de quem propõe o embuste e a farsa, e nunca daquele a transpirar decência, sinceridade e compaixão, a ser empático e, por que não, simpático com aqueles a rodeá-lo. É uma mania irritante a de sempre condenar a vítima e expurgar o agressor, não apenas em relação aos crimes civis e penais detalhados em códigos e manuais, mas aqueles tácitos na sociedade. É fazer do falsário, além de espertalhão e vitorioso, o padrão a ser almejado e perseguido como o caráter máximo de humanidade e perfeição. E se hoje caminha-se para a consolidação da “Lei de Gérson”¹, lá pelos idos de 1800, a coisa não era melhor, ainda que em proporções menos, digamos, tóxicas e genéricas. Neste aspecto, ética e moral são princípios ultrapassados, coisa de cristão medieval, e vale mesmo é o pragmatismo, o resultado, seja ele qual for ou como for, e signifique



garantir a autodestruição ou o próprio fracasso. A garantia para um sentimento tão irracional e vulnerável é a afirmação pós-moderna do não existe verdade absoluta, nada é absoluto, tudo é relativo, menos a sentença proferida pelo pós-moderno em seu absolutismo nada relativo.

Escrito por Jakob Wassermann, alemão, nascido em 1873, o livro narra a trajetória de vida de Kaspar Hauser desde a aparição espetacular em uma praça de Nuremberg. O evento ocorreu em 1828, e chamou imediatamente a atenção de toda a Europa. Trazia consigo uma carta onde a sua vida era resumidamente descrita; e o jovem de 15 ou 16 anos, não se comunicava ou não falava além de sons rudimentares e desconexos, e não escrevia; autoridades e interessados tinham de se contentar com os seus gestos e sons de lamento, espanto, dor e medo. A pergunta corrente era: “quem é ele?”. Louco? Miserável? Nobre? Ou charlatão? Teceu-se várias teorias, desde não se passar de um aproveitador até ser herdeiro do trono de Baden, no sudoeste da Alemanha.

Não vou entrar nos pormenores históricos, apesar do livro conter inúmeros elementos historiográficos, muito menos em averiguar as validades ou não das

¹ Lei de Gérson, para quem não sabe, ainda que prove ou a aprove diariamente, foi cunhada pelo prof. Maurício Dias, ao se referir à propaganda de cigarros protagonizada pelo ex-jogador da Seleção Brasileira, Gérson, em 1976. O slogan da campanha era: “Gosto de levar vantagem em tudo, certo?”

teorias. Calcula-se em algumas centenas de livros a tratar do assunto, e ninguém parece convicto do que quer que seja. A nós, e a mim em especial, me interessa o trabalho de Wassermann como artista, apesar de, certamente, ele ter realizado uma pesquisa minuciosa do caso, em vista da profusão de aspectos a descrever o insólito evento. Começarei, primeiramente, em descortinar um pouco a figura do nosso herói:

“O comissário, no posto policial, interrogou-o inutilmente. Ele só respondia através de palavras estúpidas. Nada o fez mudar de atitude, nem ameaças, nem gritos. Mas quando um dos soldados acendeu uma vela, aconteceu uma coisa assombrosa: o rapaz moveu-se à maneira de um urso e quis, depois, aprisionar a chama entre as mãos. Queimou-se, e pôs-se a chorar de um modo que cortava a alma.”

O autor descreve e constrói uma personalidade virtuosa, mesmo na forma mais primitiva e instintiva do ser de Kaspar. No decorrer da trama, o jovem faz de tudo para manter a sua pureza, singela, autêntica, gentil e lúdica. Evita os conflitos, as provocações injustas e descabidas, e tencionava de verdade integrar-se ao novo mundo ao qual fora lançado. Mesmo obstinado em conhecer as origens, ascendentes, e as razões pelas quais se tornou pária, um enjeitado, não requer qualquer tipo de restituição e vingança. As ofensas e dissabores esbarram sempre em sua teimosa esperança de, em breve, encontrar a mãe e desvendar o passado. Nesse aspecto, à mercê da bondade e sujeição às exigências sociais, por mais que se esforçasse, nunca parecia suficiente; havia aqui e acolá um e outro e mais outro a implicar com a sua inofensiva devoção em manter-se distante dos imbróglios e complôs. Infelizmente, as pessoas o consideravam não pelo que era, mas pelo que consideravam ter sido (charlatão, bastardo ou herdeiro injustiçado) ou pelo que seria: alguém a se olhar com suspeição e censura, ou o vaticínio da iminente realza.

Não é difícil ver-lhe os traços cristãos, de alguém disposto a confiar, esperar, se entregar sem imposições ou compensações. É uma alma compassiva, afável, não obstante as inúmeras dúvidas e interrogações emudecidas, ou muitas acusações publicadas. Talvez o ponto central seja a incapacidade ou impedimento humano diante do inexplicável, de pessoas e eventos não catalogados nem discerníveis pela razão, a merecer mais do que a simples opinião ou presunção dos afoitos, mas também dos arraigados em convicções e sistemas inadequados a tratar de determinado assunto e agentes. Assim, enquanto ansiava resolver o passado e seguir em frente, em torno de Kaspar se forma um conluio ou conluio a fim de desacreditá-lo, negar-lhe o sonho, o desejo e a possível ventura. Às voltas com a desconfiança, interesses e toda a sorte de recursos a fazê-lo um “peão” publicitário, ou melhor, um tipo de escada para o sucesso de alguns e reafirmar a

autoridade de outros. Com o tempo, após idas e vindas entre diferentes guardiões e tutores, no intuito de salvaguardar-se, omite, recua, caminha solitário...

Sua alma contudo permanece genuína; não se curva às falsas expectativas e imposições alheias, pois neles não encontra a confiança suficiente para considerar a ajuda de que não precisa, quando não se dispõem a socorrê-lo no necessário.

Prof. Daumer, o primeiro preceptor, a despeito da boa vontade, interesse e empatia com o jovem Hauser, não tinha resolução e galhardia suficientes para continuar o trabalho de educação, para sustentá-lo emocional e espiritualmente. De todos, foi ele e Clara os mais próximos de uma amizade, sem levar em conta os esforços do Presidente Feuerbach que, desde o início, custeou a subsistência de Kaspar, além de empreender todos os esforços para resgatar-lhe o passado e as origens. Os demais, em escalas diferentes, projetavam no jovem seus preconceitos, juízos e sentenças. Nesse emaranhado de cobiças e inconveniências, ele experimentou o engano, indiferença, traições, desprezo, ameaças. Para ele, sonhos e pesadelos se entremeavam à realidade, de maneira que a sua índole ainda precoce não estava apta a elucidar; quanto mais as diversas manifestações negativas recrudesciam, cuja motivação era-lhe completamente inalcançável, mais confuso e desarticulado ficava.

Foi, pouco a pouco, fechando-se em seus delírios e anseios, a planejar o jeito de safar-se do labirinto ao qual pertencia, sem se preocupar na autodefesa, a ouvir silente denúncias, humilhação e calúnias. A última esperança estava no policial Schildknecht, e por ela aguardou. Mas após a primeira ameaça e tentativa de assassinato, em Nuremberg, a demora em obter a resposta do soldado turvou-lhe ainda mais o espírito, invadindo-o uma miséria da qual não conseguia mais escapar. Tudo parecia ruir; havia apenas a nesga de luz onde a escuridão teimava ocultar. Kaspar, o homem improvável, culpado por ser e não ser em meio a profusão de conceitos, não era mais humano, era apenas uma ideia, muito diferente da simplicidade e primitiva ingenuidade que homens e mulheres, em sua maioria, não conseguem admitir ou aprovar.

Resta esquecer, e deixar o mito suspeito de produzir, ele mesmo, a obra que não lhe pertence, e a honra quase sempre negada.



TV PIRATA

TV PIRATA foi um programa humorístico de televisão exibido entre os anos de 1988 e 1992 pela TV GLOBO, e representou uma verdadeira revolução na época, pois até então o formato padrão era feito por quadros e personagens fixos, realizados por humoristas que carregavam seus “bordões”, a exemplo de “A Praça é Nossa”, “Viva o Gordo” e “Chico Anysio Show”. Uma curiosidade é que Chico Anysio, o maior gênio do humor da televisão, odiou a novidade, pelo seu conteúdo nonsense, pelo deboche eschachado e, principalmente, pela ausência de humoristas, apesar de todos os participantes da atração já terem se envolvido com comédias.

O destaque ia para Ney Latorraca, com seu saudoso personagem Barbosa, Guilherme Karan, vivendo o machão Zeca Bordoada e Luis Fernando Guimarães, como o galã Reginaldo, mas também tinha Regina Casé, Diogo Villela, Marco

Nanini, Cláudia Raia, Debora Bloch, Louise Cardoso, Denise Fraga, e outros, com os episódios escritos por gente no naipe de Miguel Falabella, Patrícia Travassos, Luís Fernando Veríssimo, Mauro Rasi, Pedro Cardoso, pelos “Cassetas” Cláudio Manoel, Bussunda, Reinaldo, Hélio de La Peña, Hubert e Marcelo Madureira, entre outros.

Influenciado por formatos já aclamados como Saturday Night Live e, principalmente, pelo grupo inglês Monty Python, o qual men-



cionamos em edição anterior desta Revista, conseguiu ser adaptado para a nossa realidade, fazendo sátiras de novelas, jornalísticos e programas da própria TV Globo, como TV Mulher e Globo Rural.

O programa consolidou a carreira de Luis Fernando Guimarães, que em seguida explodiu com “Os Normais”; Regina Casé, que participou de diversas atrações e até ganhou um programa de variedades, o “Esquenta”. Débora Block, que atuou em várias novelas, Diogo Villela também participou de diversos programas, além do sucesso que fez no teatro; o mesmo ocorreu com os roteiristas, como Pedro Cardoso, que anos depois veio dar vida ao



cio Corrêa, diretor da escola de teatro NET - Núcleo de Estudos Teatrais, quando pude observar que, dos três, Karan era o mais engraçado, também na vida real, mas é uma pena que tenha partido tão cedo, por conta de uma doença degenerativa; Latorraca era rabugento e reclamava de tudo e Nanini mal falava, por conta de sua extrema timidez, mas ambos foram muito simpáticos em aceitarem o convite.

Ironicamente, um dos responsáveis pelo fim dos “piratas” além do natural desgaste e da saída de importantes nomes do elenco, foi o sucesso da novela Pantanal, exibida pela Rede Manchete no mesmo horário do humorístico, e aí não tinha como



inesquecível Agostinho Carrara, em “A Grande Família”, e não poderíamos deixar de citar os “Cassetas”, que ganharam os seus próprios programas de humor, inicialmente como uma das atrações do programa “Doris para Maiores”, em que dividiam a cena com a apresentadora Doris Giesse, para depois conquistarem a atração “Casseta e Planeta Urgente”, quando provaram que eles é que seriam a atração principal.

Tive a oportunidade de conhecer pessoalmente Latorraca, Karan e Nanini, todos no auge de suas carreiras, quando vieram a Belo Horizonte para apresentarem seus espetáculos, e os convidei para serem entrevistados por José Már-

competir com aquelas cenas de exuberante natureza do Pantanal-Matogrossense e suas onças, tuiuius, jacarés e araras-azuis. Mentira: era por causa da mulherada pelada que aparecia todo dia na novela.

Michel Salomão



O velho e a praia – Parte III



Jorge F. Isah

Antenor, a despeito de morar algumas quadras da praia, não era dado a visitá-la senão esporadicamente. Lá, uma vez ou outra, se atrevia a sair de casa e caminhar até a areia escura, entre plásticos, papéis, latas, pedregulhos e um peixe morto aqui, outro acolá, em meio às dezenas de pombos, quero-queros e gaivotas. Havia uma disputa onde os maiores sempre afastavam e conquistavam a comida dos mais fracos, e na pirâmide os pombos, mesmo em maior número, sempre eram fustigados a abandonar seus quitutes em favor das outras espécies. A coisa se tornava um pouco menos explícita entre os quero-queros e gaivotas. Estas eram maiores; mas a aguerrida têmpora dos tetéus os colocam em posição favorável em relação aos larídeos.

Ele, por gostar muito de aves, praticamente tinha a sua atenção voltada a elas, e observá-las tinha não apenas o caráter de curiosidade, mas de admiração, da esplendorosa beleza, as plumagens delgadas, a aerodinâmica perfeita, os voos graciosos e ágeis. Não raro, mais ao alto, via-se o planar sutil e majestoso dos urubus, em sua bonança límpida e fresca, em seus contornos e evoluções cerimoniosas e imaculadas... Os ataques certos das gaivotas ao mar, infalível, a

arrestar peixes e jogá-los à praia, e ali fustigá-los em uma brincadeira travessa, porém, mortal. Lembrou-se de um vídeo em que, em um zoo, uma galinha foi colocada no recinto de uma águia, e o desespero do galináceo ao ver-se aprisionado e diante do inimigo implacável, desesperou-o ao ponto de, se não fosse um animal confinado ao seu desalento, teria se suicidado antes de ser esfaqueado por garras e bico tão mortíferos... Compadeceu-se do pobre animal, indefeso, sem ter aonde fugir ou esconder, e não entendia o porquê de não darem ratos, coelhos ou outro à rapina... Não era justo alimentá-la com um confrade, sem o garbo e pompa das águias, mas, ainda assim, um parente de penachos... Da mesma forma, as gaivotas faziam com os xaréus, tainhas, porquinhos e sardinhas, contudo, era muito mais proporcional e ético essa caça... Os peixes não eram o seu objeto de devoção, vai ver, nem eram essas espécies... mas era o que ouvia nas suas andanças ou nas mesas ao redor, enquanto tomava água de coco e comia pastel de carne. Não dava para saber se era verdade ou não... Chegou a pensar em estudar a fauna marinha, mas não havia empatia entre ele e os ectotérmicos, e logo desistiu da empreitada, con-

centrando-se nos plúmeos, suas caçadas e voos.

Lurdinha sempre cobrava que a acompanhasse à praia. Ele se esquivava, a alegar cansaço, serviço, pesquisas ou a multidão de turistas sempre dispostos à chularia e boçalidade, com seus funks obscenos e vulgares, os pagodes cretinos e obtusos, pops rasos e ininteligíveis, e outros gêneros tão ou mais estúpidos. Se não bastasse a desgraça musical, havia a batalha dos egos em que os ouvidos eram impiedosa e obstinadamente massacrados por decibéis exorbitantes e arbitrários. Havia placas de advertência espalhados por todos os lados, com previsão de multas e confisco dos aparelhos eletrônicos, mas dada a irrelevância das ações fiscais, a maioria zombava das proibições e sanções, algo típico e enraizado na alma indócil dos brasileiros. Era o mesmo que dizer: “façam o que quiserem, não se preocupem, estamos aqui para enganar os trouxas... não seja um deles”... E assim, entrava dia, saía dia, o holocausto da razão e bom senso persuadia alguns a se verem fora daquele inferno estrepitoso... Sem contar os garotos e suas bolas, a maioria exímios pernas de pau a derrubar copos, bolsas, acertar os desavisados, sem qualquer reprimenda ou censura dos pais, e esses, idiotas irremediáveis, não davam a mínima e havia aqueles a rir das “artes” e da mira descuidada dos rebentos.

- Não vou, de jeito nenhum! – Antenor respondeu, depois de Lurdinha insistir por quase uma dezena de vezes.

- Por que você resolveu mudar para a praia se não gosta de praia, nem vai à praia?

- Gostar eu gosto!... Prefiro durante a semana, onde não tenho de disputar um mísero espaço com os bárbaros daqui e de fora.

- A gente pode ficar apenas um pouquinho... Tomar água de coco e comer um pastel, caminhar na areia e voltar para casa.

Ela iria martelá-lo até a exaustão, não dela, mas dele. E já se via arrastar em meio à barafunda de ocasos, as muitas variações de um outono sem fim, onde corpo e alma estavam à míngua e cada vez mais o declive até a escuridão e o fundo do poço não era apenas hipótese mas perceptível. Além do desgosto e irritação, haveria algo a encontrar?

- Não, mil vezes não!... Se quiser, vai sozinha. Não suporto mais me rebaixar ao nível deles.

- Você está é velho!! – Lurdinha proferiu ácida e rabugenta.

- Que seja! Tanto faz! Velho ou não, prefiro a morte a me ver enterrado no meio deles...

Ela não entendeu. Não se esforçou em entender. Vivia a dizer que ele era louco por pensar a maioria das coisas que pensava. Achava não entendê-lo por que não havia nada a ser entendido. Eram coisas sem sentido, malucas, de alguém que tinha problemas... Sim, ele tinha problemas, e eles ficavam sempre mais evidentes, na medida em que se tornavam inexpugnáveis e obscuros. Chegou a pensar em Alzheimer, dele não falar coisa com coisa, mas diante da sua memória excepcional e opressiva organização, e depois de muito insistir em levá-lo a um geriatra, que o considerou praticamente imune à doença, certificou-se dele ser apenas estranho, muito estranho diga-se, mas nada além da extravagância acentuada pela velhice.

- Velho! – ela repetiu, irascível – Fica aí com seus livros, álbuns e projetos! ... E veja se não bagunça a casa.

Bateu a porta, e ouviu-se nitidamente, numa distância de duzentos metros, a chave torcer o cadeado do portão, ele abrir-se abrupto e fechar estrepitoso.

Recostou-se no sofá, esticou as pernas, e aproveitou o silêncio. Nada era melhor do que o sossego e mutismo. Não entendia por que as mulheres falavam tanto, ou melhor, tinham a necessidade de falar tanto. Certas coisas se tornam melhores quando não são ditas. E até as coisas boas podem se tornar ruins quando ditas. As palavras tinham um poder assustador de estragar praticamente tudo em que tocavam. Por isso, o silêncio era infinitamente revelador, muito mais do que a enxurrada de frases, gemidos e sentenças. Quase chegava a concordar com aquele bordão popular: uma imagem vale mais que mil palavras. Ultimamente, tanto uma como a outra eram a descrição, e por que não a indscrição, de pertencer quase exclusivamente às gafes e mexericos. Cenas e discursos eram tão constrangedores e insanos, na vulgaridade dos instintos e desejos, que o único ato heroico e digno seria o suicídio coletivo. Mas isso, de um jeito ou de outro, eles estavam construindo não somente para si mesmos, mas para as descendências futuras, seus pupilos e ameadados.

Respirou fundo, duas, três vezes, fechou os olhos, e aproveitou cada minuto absorvido na calma reconfortante, até que foi sacudido pelo vibrar tonitruante de um carro de som, e os gritos de “ovos graúdos, fresquinhos, compre aqui!”.

O PROBLEMA DA MAÇÃ



um conto de **MICHEL SALOMÃO**

Teve uma época em que ele estava devendo tanto dinheiro, mas tanto dinheiro, que chegou a pensar que iria enlouquecer. Talvez já estivesse louco, pois onde se viu gastar tanto dinheiro assim(?), ele que sempre havia sido muito equilibrado com as suas contas, possuía um apartamento quitado de três quartos, em um prédio sem elevador, viajava uma vez por ano com a família para Guarapari, se alimentavam bem e usavam boas roupas, os filhos estudavam em escola particular e tinham aulas de inglês. Era um típico representante da classe média e nunca foi dado a arroubos consumistas.

Porém, no aniversário de 36 anos, começou a pensar que aquela não era a vida que merecia. Afinal, alguns de seus colegas de trabalho, que ganhavam bem menos do que ele, levavam suas vidas de forma bem mais interessante. Viajavam para o exterior, tinham carrões (o dele era um Fiat Palio, com dez anos de uso) e frequentavam os melhores bares e restaurantes da cidade. Estava tudo lá nas redes sociais para provarem.

Um dos colegas confidenciou-lhe que o segredo eram as milhas. Era só pagar todas as despesas no cartão de crédito, e com isso, na prática, adiantaria um mês de salário; além do mais, trocava os pontos por milhas, possibilitando a compra de passagens aéreas para qualquer lugar do mundo.

Ficou tão empolgado que, além de começar a usar o cartão de crédito, resolveu trocar de apartamento e comprar um carro novo. A mulher, a princípio, estranhou, mas os filhos vibraram com as novidades, principalmente depois que o pai comprou para eles um videogame de última geração.

Foi como viver um sonho. À beira da praia em Miami Beach pedia para os garçons trazerem Mahi-Mahi com crosta de castanhas, acompanhado dos drinks mais coloridos que já vira. Seu Instagram bombou de likes. Fez novos amigos, foi convidado para festas, virou quase uma celebridade. O carro que comprou era um conversível e fazia questão de exibir o seu novo óculos de sol sextavado da Hublot, e no pulso um novo lançamento da Apple Watch.

Teve sorte, porque naquele ano recebeu algumas diferenças salariais, acertou o prêmio principal do Jogo do Bicho, ganhou uma ação na justiça e alguns outros créditos até então desacreditados, mas um certo dia se deu conta de que as faturas dos cartões superavam, em muito, o valor do salário.

Não demorou para os gerentes começarem a ligar para ele, solicitando a cobertura do saldo, ou a dívida cairia no cheque especial e viraria uma bola de neve.

Não foi só uma vez que colocou o cartão na máquina do banco e viu a mensagem “saldo insuficiente” na tela, e aquilo foi tirando o seu ar. A mulher e os filhos não sabiam de nada, e curtiam a vida como não houvesse amanhã. Mas, para ele, o amanhã seria com nuvens pesadas, sujeito a trovoadas.

Vamos dar um salto no tempo para resumir que, em consequência de toda essa tribulação, teve vários problemas de saúde, deixando a família preocupada, sem saberem os motivos, até que se convenceu a fazer um grande empréstimo para saldar os outros empréstimos que contraiu, parcelado em seis anos, e assim conseguiu se recuperar financeiramente.

Uma promoção no emprego ajudou bastante a colocar as coisas em ordem, e a primeira providência foi destruir o cartão de crédito. Mas ficou uma marca: passou a ter fobia de bancos. Não conseguia entrar em um desses estabelecimentos sem sentir calafrios e taquicardia. Passou a odiar gerentes, caixas e escriturários em geral. Ficava imaginando que teriam acesso a todo o seu histórico, sabiam do sofrimento que teve que passar, de sua incapacidade de gerir a própria conta, e tripudiavam da situação. Assim, foi alimentando silenciosamente um desejo de vingança.

Colocou um bigode falso que comprou em uma loja de fantasias, um boné e óculos escuros, ensaiou por meses um andar diferente, com um certo gingado, levemente agachado, para que não o identificassem pela altura. Por fim, tomou coragem e entrou na agência. Pediu informações ao vigilante, foi até o setor de informações, consultou o gerente e saiu. Estava vivo. Repetiu a operação cinco ou seis vezes, procurando alterar as vestimentas,

Utilizou barba preta, branca, ruiva, loura, dentes postiços, nariz de silicone, lentes de contato, sapato com saltos mais altos, bengala, mudou o tom de pele, usando os cremes e pós de sua esposa, desenhou algumas rugas, colocou enchimento no corpo e parecia estar bastante convincente, porque ninguém parecia ter estranhado.

Foi numa terça-feira, no dia 15 de novembro, às 10h35m, que entrou na agência com o propósito de explodir aquele estabelecimento que havia lhe causado tanto sofrimento. Levava em sua carteira de mão um pequeno mecanismo que aprendeu a construir na internet, feito à base de polímeros e outros componentes altamente secretos, que não seriam detectados pelo sistema de segurança.

Interpelado pelo vigilante, abriu a carteira, e ele não percebeu que havia um fundo falso logo atrás do forro, meticulosamente recortado e colado, e o explosivo seria acionado pelo seu smartphone, à distância. Com isso, acreditava que conseguiria apagar todos os registros da fase mais amarga de sua vida.

Foi até o caixa eletrônico e inseriu discretamente a carteira em um vão entre o aparelho e a parede, onde demorariam certo tempo até encontrá-la, o suficiente para deixar a agência e ganhar a rua. Realizou algumas consultas no terminal, fazendo um esforço assombroso para conseguir mexer naquela tela torturante que lhe provocava calafrios e, por fim, saiu.

Parou na esquina, a uma distância segura, e pegou o aparelho para realizar o acionamento da bomba, mas percebeu que a bateria havia descarregado totalmente. Ainda tentou, desesperado, conseguir um carregador em alguma das lojas da região, a fim de dar uma carga rápida, suficiente para acionar o botão vermelho que apareceria na tela, mas foi em vão, pois o seu aparelho era um modelo anterior da Apple, que havia comprado nos EUA e possuía um cabo e carregador que não serviam nos demais. Era um absurdo que fizessem isso, pois teria o trabalho de voltar ao banco para pegar a carteira e tentar em uma nova oportunidade. Mas prometeu que, depois disso, iria até a sede daquela empresa da maçã, em Nova York, só para explodi-la.

PIRATAS

Em várias oportunidades, os piratas tentaram tomar o navio: vieram pela esquerda, pela direita, pelo centro, pela frente e por trás, mas em todas elas foram rechaçados pelos seguranças, que dispunham de armamento pesado, além de receberem o apoio do restante da tripulação, assim como de vários passageiros, entre eles, atiradores esportivos que não permitiriam que ocorresse a invasão.

Os bandidos perceberam que seria preciso mudar a estratégia, e assim enviaram alguns de seus comparsas para o continente, para que pudessem ser recrutados como membros da tripulação.

Após infiltrados, empreendendo uma paciente estratégia, que consistia em oferecerem vantagens aos tripulantes mais acessíveis, logo conseguiram promover um plebiscito para decidir sobre o desarmamento geral, mas tiveram uma significativa derrota, e ainda assim conse-



guiram o apoio de uma parcela da tripulação para confiscarem as armas. Por fim, marcaram o dia da abordagem, quando foi feito um grande churrasco, com muita picanha e cerveja.

O barco dos piratas foi se aproximando sorrateiramente, mas alguns passageiros alertaram para o perigo da invasão, e se juntaram a uma pequena parcela da tripulação para enfrentarem os bandidos com talheres, pratos e copos, que lançavam contra os invasores, mas foram contidos pelos que haviam se corrompido.



Foi criada uma corte provisória para julgar o caso, e os resistentes foram condenados por tentativa de motim, mesmo os passageiros que não faziam parte da hierarquia do navio, o que seria improvável pelas regras marítimas, ainda que diante da justificativa de que estariam reagindo a um ataque iminente, e que não teria sido um motim, mas um contra-motim; porém, foi em vão, e foram colocados na prancha, para serem lançados aos tubarões.

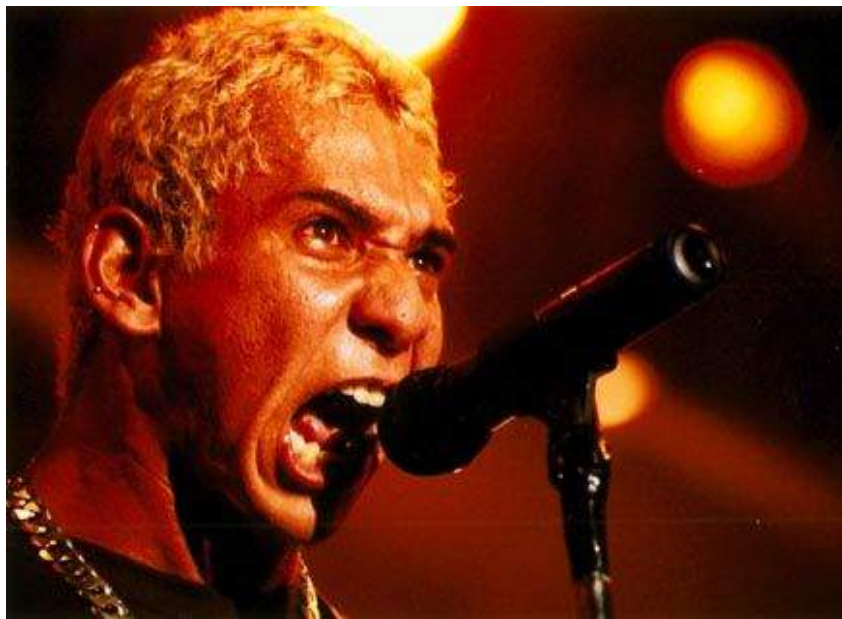
O líder dos piratas, um fanfarrão que trazia um artefato instalado junto a um dos punhos, em forma de "mão francesa", pois a perdera o membro ainda na infância, não podia ver um barril de rum, porque bebia até secar a última gota, assumiu o comando da nave, andando pelo convés com a sua velha cueca mijada, além do paletó e do quepe roubados do capitão.

Os dias que se seguiram foram de festas orgíacas, e os suprimentos acabaram em pouco tempo. Como não tinham capacidade para conduzir uma embarcação daquele porte, terminaram se chocando contra os arrecifes, o navio foi a pique e morreram todos. Assim, selou-se o fim de uma era de grandes piratarias.



papo CRISTÃO

por **Michel Salomão**



RODOLFO ABRANTES era o vocalista do grupo RAIMUNDOS, que fez muito sucesso entre os anos 80 e 90 do século passado, e era um sujeito muito maluco, drogado, que fez muita bagunça até se converter ao cristianismo. O seu testemunho é altamente impactante, pois mostra uma mudança radical e verdadeira, de um homem que largou o sucesso no auge, bem diferente de muitos que migram para esse segmento quando a situação começa a “perigar” e percebe que pode ser mais “lucrativo” explorar o universo Gospel.

Ele foi sincero, e está aí para contar sua experiência, como recentemente fez no podcast “Inteligência Ltda.”, canal que faz muito sucesso sob o comando de Rogério Villela.

Rodolfo fala do radicalismo inicial de sua conversão, após um primeiro contato com um grupo “neopentecostal”, do qual fazia parte sua esposa Alexandra, e essa é a parte mais engraçada, que vale a pena assistir, pois seria menos interessante escrever.

Muito tempo se passou até que pudesse atingir o “equilíbrio” da fase atual, e da crise provocada pela sua saída do famoso grupo, da cura que teve de um sério tumor no estômago, e com o rompimento da amizade com o amigo de adolescência Digão, guitarrista da banda, com quem reatou recentemente, após décadas.

O processo de conversão é algo muito particular, que pode ter recaídas, e é nessa hora que os ataques aparecem de todos os lados, quando os novos convertidos

são acusados de serem hipócritas, e todos os seus pecados são lembrados, com a intenção de atrapalhar a “evolução”. Com Rodolfo não foi diferente.

Rodolfo aprendeu a amar, o que não é nada fácil, e fala sobre isso com a maior naturalidade, para que as pessoas aprendam a fazer igual. Isto é ser cristão.



coluna do nelson TRAMONTINA



corte rápido

Nelson é nosso correspondente internacional em Tuvalu e, mesmo estando longe, consegue fazer seus "cortes rápidos", respondendo às perguntas dos leitores com comentários secos acerca dos costumes da sociedade e da situação do país em que viveu a maior parte de sua longa vida, até se tornar um respeitável e ranzinza aposentado e comentarista do tempo. E quase sempre acerta, quando palpita se vai chover ou fazer calor.

Nelson, o meu intestino funciona como um relógio, todos os dias faço minhas necessidades, sempre às 7 horas da manhã.

Nelson – Então qual é o problema?

É que acordo somente às 8 horas, todo cagado.

Nelson - Acho aconselhável você comprar um bom despertador.

Nelson, você nunca mostra o seu rosto, o seu corpo, não sei como é a sua voz, mas acho que estou me apaixonando por você. Acha isto possível?

Nelson – Tudo é possível. Veja o meu caso: eu não te conheço, mas já começo a ter medo de você.

Acho que me viciiei em pornografia. Quando estou fazendo sexo, sempre preciso ficar segurando o celular com uma das mãos para entrar em sites pornográficos.

Nelson – Já experimentou fazer isso usando um dos pés?

Nelson, sei que pode parecer estúpido, mas começo a acreditar na teoria terraplanista.

Nelson – Vá até uma das extremidades da Terra e pule. Se você conseguir voltar aqui, é porque a Terra não é plana.

Acho que a minha casa está sendo assombrada por um espírito de porco. Pelas manhãs, encontro sujeira espalhada por todos os lados, copos e pratos sujos dentro da pia, roupas jogadas no chão. O que será isso?

Nelson – Isso tem um nome: filhos e marido.

Eu era muito bonita na minha adolescência, mas depois que me casei e tive filhos, fiquei gorda e feia. Agora não consigo voltar ao mercado de trabalho. Não sei mais o que fazer.

Nelson – Já pensou em encenar a versão feminina de o “Homem Baleia”?

Nelson, sou de uma família muito abastada, e meus pais não querem permitir que eu me case, porque ele é pobre e está desempregado. Você acha que devo fugir com ele?

Nelson – Se o seu sonho é ser pobre como ele e, além disso, é idiota, dou a maior força.

Nelson, acho que estou grávida, mas não sei dizer quem é o pai. Estou desesperada!

Nelson - Só posso dizer uma coisa: eu é que não sou. Passar bem!